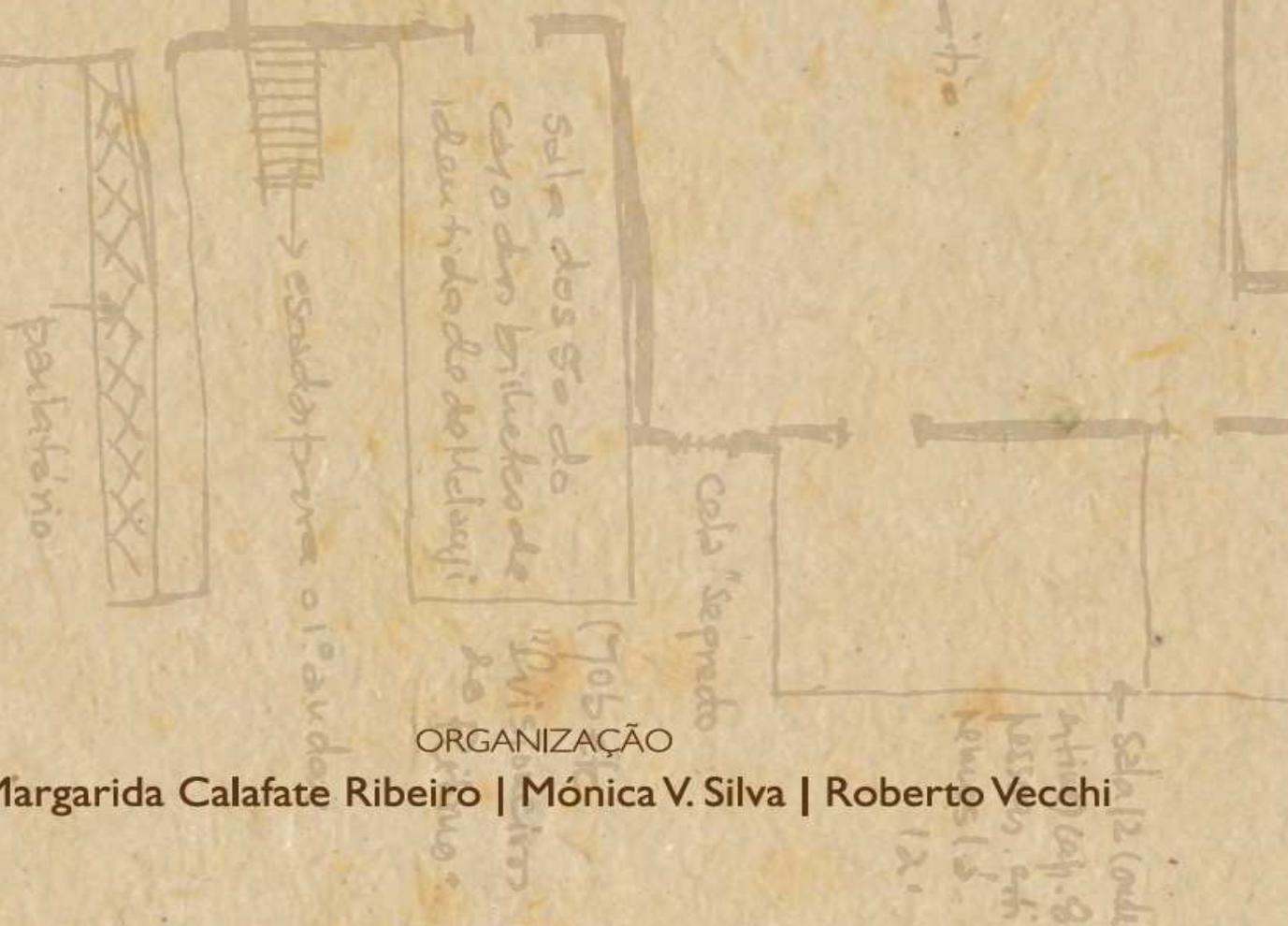


JOSÉ LUANDINO VIEIRA

PAPÉIS DA PRISÃO

APONTAMENTOS, DIÁRIO, CORRESPONDÊNCIA

(1962-1971)



ORGANIZAÇÃO

Margarida Calafate Ribeiro | Mónica V. Silva | Roberto Vecchi

CAMINHO

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

PAPÉIS DA PRISÃO

APONTAMENTOS, DIÁRIO, CORRESPONDÊNCIA
(1962-1971)

ORGANIZAÇÃO

Margarida Calafate Ribeiro | Mónica V. Silva | Roberto Vecchi

CAMINHO

Título: Papéis da Prisão – apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)
Autor: José Luandino Vieira
© Editorial Caminho – 2015
Capa: Helena Soares Rebelo
Fotografia da capa: Nuno Simão Gonçalves

Organização: Margarida Calafate Ribeiro
Mónica V. Silva
Roberto Vecchi
Coordenação Científica: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra
Financiamento: Fundação Calouste Gulbenkian

Pré-impressão: LeYa, SA
Impressão e acabamento: Multitipo
Tiragem: 1000 exemplares
Data de impressão: Novembro de 2015
Depósito legal n.º 401 259/15
ISBN: 978-972-21-2781-3

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

NOTA EDITORIAL

Os *Papéis da Prisão* de José Luandino Vieira alimentam-se de uma tensão que decorre do seu próprio projeto editorial. Este projeto apoia-se num plano de investigação, *José Luandino Vieira: Diários do Tarrafal*, realizado ao longo de dois anos, de Junho, 2013 a Setembro, 2015, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Contou com a equipa de investigação composta por Margarida Calafate Ribeiro e Mónica V. Silva, do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra e de Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha, e o apoio da equipa do projeto *Patrimónios de Influência Portuguesa*, do Centro de Estudos Sociais.

A razão do projeto deriva antes de tudo da variedade das suas fontes, dos textos da prisão. Durante a longa detenção, de 1961 a 1972, José Luandino Vieira coligiu minuciosamente um vasto acervo de materiais em 17 cadernos meticulosamente datados, na sua totalidade, cerca de 2000 folhas manuscritas¹. Estes cadernos foram escritos en-

¹ Em síntese a sequência dos cadernos disponíveis:

Secção relativa à detenção nas Prisões de Luanda (de 1962 a 1964)

[Caderno 1 // 10-10-1962 a 04-01-1963 // Pavilhão Prisional da Pide, São Paulo, Luanda];

[Caderno 2 // 06-01-1963 a 20-01-1963 // Pavilhão Prisional da Pide, São Paulo, Luanda];

[Caderno 3 // 21-01-1963 a 31-03-1963 // Pavilhão Prisional da PIDE, São Paulo, Luanda];

[Caderno 4 // 01-04-1963 a 25-05-1963 // Pavilhão Prisional da PIDE, São Paulo, Luanda];

[Caderno 5 // 26-5-1963 a 27-06-1963 // Pavilhão Prisional da PIDE, São Paulo, Luanda – Cadeia do Comando da PSP, Luanda];

[Caderno 6 // 28-06-1963 a 06-11-1963 // Cadeia do Comando da PSP, Luanda - Cadeia Comarcã de Luanda];

[Caderno 7 // 12-11-1963 a 20-06-1964 // Cadeia Comarcã de Luanda – Cadeia Central de Luanda];

tre 10-10-1962 (Luanda, PPPIDE) e 6-7-1971 (Tarrafal, Cabo Verde, Campo de Trabalho de Chão Bom – C.T.C.B.), e intitulados pelo autor «...ontem, hoje, amanhã...». São compostos por fragmentos de vária natureza: anotações diarísticas, correspondência (cartas e bilhetes internos), postais e desenhos, cancioneros populares recolhidos junto de outros prisioneiros, esboços literários e exercícios de tradução, ditos e textos em quimbundo, recortes jornalísticos, apontamentos. Observou-se que o início da escrita não coincide com o começo da prisão, que ocorreu em 20.11.1961. De fato, os primeiros seis meses de detenção, em Luanda, foram essenciais para José Luandino Vieira organizar, estabelecer e asseverar a segurança das rede de comunicação, quer dentro do espaço prisional quer com o mundo exterior. Os primeiros apontamentos estão ainda por identificar no acervo pessoal do autor.

Do ponto de vista dos materiais disponíveis – parte hoje digitalizados e tratados pela equipa, no âmbito do projeto – antes da fixação do texto-base e da determinação de uma metodologia que fosse, ao mesmo tempo, rigorosa mas suficientemente flexível para integrar a revisão e a reorganização da obra do ponto de vista da atual vontade autoral, assinala-se a presença de um texto escrito densamente em folhas de papel, maioritariamente papel pardo, que o autor agregou para formar cadernos. Preenchidos quase na sua totalidade com textos, eles

- [Caderno 9 // 20-03-1964 a 31-05-1964 // Cadeia Comarcã de Luanda];
- [Caderno 10 // 05-06-1964 a 31-07-1964 // Cadeia Comarcã de Luanda];
Seção relativa à detenção Campo do Chão Bom, Tarrafal, Cabo Verde (de 1964 a 1972)
- [Caderno 11 // 03-07-1964 a 13-06-1965 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 12 // 10-05-1965 a 10-06-1965 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 13 // 18-07-1965 a 25-04-1966 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 14 // 29-04-1966 a 12-01-1967 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 15 // 04-01-1967 a 19-11-1968 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 16 // 24-04-1969 a 31-12-1969 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 17 // 01-01-1970 a 11-03-1971 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];
- [Caderno 18 // 11-03-1971 a 06-07-1971 // Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal];

Note-se que a ausência do caderno 8 se deve a um lapso de numeração por parte do autor.

integram também um paratexto considerável, constituído por colagens de documentos anexados e documentos que o autor considerou relevantes. No período de detenção no C.T.C.B. José Luandino Vieira usou outro tipo de cadernos, sempre contando com um grande aparato de documentos complementares com que os fragmentos do escritor dialogam. O controlo da escrita dos presos políticos era uma prática esperada e activa, o que justifica, por um lado, a precária materialidade destes papéis e, por outro lado, o recurso a uma série de mecanismos necessários para os preservar e fazer sair do espaço prisional, conforme o autor informa na entrevista apresentada neste livro.

Quanto à metodologia, a fixação do texto ocorreu de acordo com um critério de conservação, procurando o que poderia ser considerada, em hipótese, uma edição diplomática com o objetivo de realizar uma reprodução fiel dos manuscritos. Acentuando este traço e por indicação do autor, siglas e abreviaturas, usadas frequentemente nos apontamentos, não foram desenvolvidas, exceto quando o autor considerou que o texto poderia ficar comprometido e, nestes casos, as intervenções estão devidamente assinaladas. O aspeto que confere esta decisão do autor é extraordinário do ponto de vista estético, porque confirma o traço de urgência e precariedade da escrita, acentuando a impressão metonímica entre palavra e experiência, despersonalizando em nome do coletivo.

A fixação do texto, no entanto, foi o começo de um processo de constituição dos *Papéis*. A operação filológica que proporcionou o texto base foi o limiar da construção da obra por parte do escritor. É neste sentido que se trata de um processo híbrido que combina simultaneamente o trabalho de investigação da equipa com um projeto do autor, sem detrimento da restituição ampla e fiel dos textos originais. De fato, a edição da obra que substancialmente se publica, após uma recuperação dos materiais por parte de José Luandino Vieira respeitou, sempre que possível, o manuscrito original. Contudo, e devido à complexidade do documento, foram feitas algumas alterações editoriais, sob a orientação e o acompanhamento do autor.

Entre os critérios adotados na edição de um projeto tão articulado como este, assinalam-se aqui os principais que é oportuno explicitar em benefício de uma leitura continuada do livro.

Na identificação das fontes, os cadernos (cf. supra nota 1) são separados através de um critério prático: o início do caderno com a reprodução da capa original de cada caderno seguida das seguintes

informações: número do caderno, datas que o caderno compreende e o local onde foi escrito; o fim de cada caderno fecha com a reprodução do verso da folha de fim de caderno. Ambos os casos são seguidos da transcrição do texto manuscrito. Para facilitar a leitura da organização interna dos cadernos procedeu-se a uma uniformização do início de cada dia seguindo o modelo: data a negrito, parágrafo, texto. Foram eliminados os parêntesis e sublinhados das datas, mas o uso de numeração decimal e romana foi respeitado. Na parte que corresponde ao Tarrafal manteve-se a disposição original das entradas considerando-a significativa para a compreensão da representação da obra. Aqui, para facilitar a leitura e continuidade destes fragmentos, fez-se apenas o acrescento editorial do ano em cada entrada.

Sempre em função de um resgate autoral dos fragmentos, foi definida por José Luandino Vieira uma política relativamente aos nomes. O autor, já no momento da escrita, e por questões de segurança e proteção do anonimato, codificou grande parte dos nomes, aludindo-se apenas a abreviaturas, à letra inicial ou usando codificações epítéticas. Ainda assim, algumas das codificações foram feitas no momento da edição e por decisão do autor. Este procedimento procurou preservar o anonimato da pessoa em causa. É importante ainda referir que frequentemente o autor usava nomes diferentes para uma mesma pessoa (Exemplos: K. e L. // J.A., J., Jac., Jacinto ou António Jacinto // Hedi ou Heri // God, Godfrey ou GAN). Todas as identificações de agentes do regime colonial português são da responsabilidade da equipa editorial.

Os fragmentos escritos em línguas que não a portuguesa, e que poderiam impossibilitar a compreensão da obra, foram traduzidos por especialistas da língua em questão e estão identificados por uma nota editorial remetendo para anexo. Palavras e pequenas expressões em quimbundo foram traduzidas pelo próprio autor em nota de autor. Não foi feita tradução literária mas, sempre que possível, é identificada em nota editorial a referência do original ou de versão similar.

As notas foram organizadas de acordo com um critério económico: o autor optou por acrescentar, no texto, apenas as notas indispensáveis à leitura. Esta decisão é compensada pelos textos que acompanham a obra, em especial pela nota biobibliográfica e pelas notas editoriais. De notar que todas as notas são acrescentos ao texto feitos no momento da edição. A indicação de notas no texto segue o seguinte critério:

- 1) N.A. - Nota do autor
- 2) N.E. – Nota dos editores (notadas pela equipa organizadora e pelo editor Zeferino Coelho)
- 3) N.T. – Nota dos tradutores

A correção de pequenos erros de ortografia (em especial paragramas), concordância, acentuação, uso do hífen, não foi considerada relevante e, portanto, não estão identificadas no texto. A pontuação segue, por norma, o manuscrito original. As alterações só foram feitas em situações consideradas indispensáveis à compreensão do texto.

Na transcrição de textos e documentos que não são da autoria de José Luandino Vieira foram mantidos os erros ortográficos e gramaticais. Os lapsos e erros ortográficos noutras línguas foram também mantidos.

Por vezes a mesma palavra é escrita com grafias diferentes correspondendo a línguas diferentes. Exemplos: quimbundo/ kimbundu/ kimbundo; maka/ maca. Este aspeto é mais visível nos topónimos, como por exemplo: Icolo ia Bengu/ Ícolo e Bengo. Estes aspetos foram também mantidos pois são considerados texto.

O uso de maiúsculas e de minúsculas nos nomes, siglas, etc., foi, na sua maioria, mantido, exceto quando conduzia a outras possibilidades de leitura.

Como a fixação do texto definitivo foi feita em colaboração e com concordância do autor não existem muitas palavras indecifradas. Contudo, as que não foram possíveis decifrar foram identificadas com o código: [?].

Um outro critério editorial adotado que importa referir para uma boa leitura e compreensão dos critérios, o uso dos parêntesis retos:

- 1) [...] – corte do autor no momento da edição (itálico e sublinhado).
- 2) [...] – corte do autor no momento da escrita.
- 3) [*texto em itálico*] – acrescento do autor no momento da edição – extensão das abreviaturas, para fazer correções/ acrescentos simples (datas, locais, assinaturas, etc.).
- 4) [texto] – acrescento do autor no momento da escrita.

Os critérios de seleção e introdução de imagens sustentaram-se na função de representatividade e funcionam como suplemento essen-

cial do texto. Todos os documentos, recortes, cartas, anexos que não são do autor aparecem como imagem seguidos da transcrição do texto. Para facilitar a leitura correta das imagens foi criado um índice de imagens apresentado por ordem cronológica e em cuja descrição se indica o tipo de documento (cartas, bilhetes, desenho, recortes de jornal, colagens, manuscritos, documentos, capas de início de caderno, verso da contracapa - fim de caderno) e sempre que possível a sua autoria.

Por último, gostaríamos de agradecer a António Sousa Ribeiro, Carlos Ferreira, Fabrice Schurmans, Graça Cantinho, Helena Soares Rebelo, Irene Guerra Marques, Júlia Garraio, Manuel Domingos Russo, Maria João Soares Machado, Miguel Lubwato, Natércia Coimbra, Nuno Simão Gonçalves, Nuno Lopes, Odete da Costa Semedo, Walter Rossa e às seguintes entidades: Porta XIII – Associação Poética de Todas as Artes de Vila Nova de Cerveira, Associação Tchiweka de Documentação de Luanda, Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra. A todos o nosso agradecimento pelo apoio e pela colaboração ao longo deste projeto.

Margarida Calafate Ribeiro
Mónica V. Silva
Roberto Vecchi

